



Presidente Antônio Carlos

Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

CURSO: PEDAGOGIA

LAIANE DA SILVA SOARES

**ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**TEÓFILO OTONI
2019**

Laiane da Silva Soares

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Artigo científico apresentado à Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Marilda de Souza Lima

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

Rosenéri Lago de Souza

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

Rogéria de Almeida

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Laiane da Silva Soares*; Rosinéri Lago de Souza Araújo**

Resumo

Este trabalho aponta a sexualidade e a sua inclusão no currículo escolar e que deve ser trabalhado pedagogicamente de forma transversal e receber a contribuição de outras áreas do saber de modo que o ensino não seja fragmentado e nem reduzido em disciplina única, incluindo estratégias que conduzam a discussões no espaço escolar. Os professores devem buscar a melhor maneira de abordar o tema aos alunos mesmo diante das crenças, tabus e preconceitos das famílias e até de alguns professores, os quais devem procurar também se reeducar através de estudos que oportunizem o preparo para atuarem como mediadores do tema. É importante que os alunos conheçam os conteúdos abordados na educação sexual, possibilitando a eles uma visão esclarecida e abrangente. Refletindo sobre essa justificativa, o objetivo dessa pesquisa é explanar a importância da educação sexual, no 5º ano do ensino fundamental. A metodologia a ser utilizada quanto a abordagem é qualitativa, quanto aos fins será exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema. Quanto aos meios, será uma revisão literária utilizando livros, artigos, sites e vídeos.

Palavras-Chave: Educação Sexual. Sexualidade. Escola. Alunos de 5º ano.

Abstract

This work points to sexuality and its inclusion in the school curriculum and that should be worked pedagogically in a transversal way and receive the contribution of other areas of knowledge so that the teaching is not fragmented or reduced in a single discipline, including strategies that lead to discussions in the school space. Teachers should seek the best way to approach the subject to students even in the face of the beliefs, taboos and prejudices of families and even some teachers, who should also seek re-education through studies that prepare them to act as mediators of the subject. It is important for students to be aware of the content covered in sex education, enabling them to have an enlightened and comprehensive view. Reflecting on this justification, the purpose of this research is to explain the

* Aluna do 7º Período de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. Email: laianee_soares@outlook.com.

**Orientadora: Professor (a) na Faculdade Presidente Antônio Carlos-Teófilo Otoni. Mestre em Educação, com especialização em Neurociência da aprendizagem, Docência do Ensino Superior, Química. Graduada em Licenciatura da Ciências da Natureza, Matemática e Química. E-mail: nerinhalago@gmail.com.

importance of sex education in the 5th year of elementary school. The methodology to be used for the approach is qualitative, as for the purposes it will be exploratory, since it aims to provide greater familiarity with the problem. As for the media, it will be a literary review using books, articles, websites and videos.

Keywords: Sexual Education. Sexuality. School. 5th grade students.

1 Introdução

É importante que os alunos conheçam os conteúdos abordados na Educação Sexual, possibilitando a eles uma visão esclarecida e abrangente sobre sexualidade. A sexualidade, de acordo com a OMS, expressa uma necessidade básica do ser humano que faz parte da sua personalidade motivando a busca do amor, do contato e da intimidade se expressando na forma de sentimentos das pessoas.

Pode-se dizer que as manifestações da sexualidade percorrem por várias faixas etárias e nada melhor que a escola para esclarecer dúvidas dos alunos do 5º ano, cuja faixa etária está curiosa pelas transformações corporais que estão acontecendo.

Hoje, a criança obtém informações de muitas fontes como internet, livros, amigos dentre outras fontes. Entende-se que essas fontes exercem influências na formação sexual de crianças, jovens e adultos. São propagadas pela televisão propagandas, filmes e novelas com teor erótico e as crianças têm acesso, mas não compreendem exatamente o significado das mensagens construindo conceitos e explicações erradas e cheias de fantasias. Muitas vezes essas questões são trazidas pelos alunos para dentro do ambiente escolar e cabe à escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa sobre o assunto.

Silva (2007) estuda sobre o tema sexualidade na escola e em seu artigo, define que os educadores devem procurar ser participativos, coordenando as ações desenvolvidas na escola, procurando provocar o debate e a crítica dos estudantes, durante as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Baseado nesse contexto torna jus a execução desta pesquisa que tem como objetivo, explanar a importância da Educação Sexual no contexto escolar do 5º ano. Para o desenvolvimento da mesma optou-se em desenvolver um item sobre a Educação Sexual como Tema Transversal, outro item abordará a Educação Sexual no 5º ano, prosseguindo com um capítulo sobre a gravidez na adolescência, evasão

escolar e as vantagens de trabalhar a educação sexual no contexto escolar 5º ano finalizando com as considerações finais.

A metodologia usada quanto à abordagem será qualitativa, quanto aos fins, exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema e quanto aos meios, será uma revisão literária utilizando livros, artigos de autores renomados na literatura, sites de pesquisas acadêmicas dentre outras fontes.

2 Educação Sexual como Tema Transversal

Lira (2009) afirma que os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, abordam conteúdos de caráter social, que devem ser incluídos no currículo escolar de forma “transversal”, isto é, não como uma área de conhecimento específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior das várias áreas estabelecidas.

[...] a transversalidade implica na necessidade do professor não apenas de dominar o conteúdo da sua matéria específica, mas conhecer outros conteúdos de diferentes áreas do conhecimento e interagir com a realidade dos alunos, pois estes ainda têm apresentado conhecimentos errôneos e deficientes em temas específicos envolvendo a sexualidade (ALBUQUERQUE *et al*, 2012, *apud* RUFINO *et al*, 2013, p. 985).

A proposta dos PCN, em 1996, segundo Rufino *et al* (2013) teve como objetivo a inclusão de temas na área da sexualidade nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP). Esses temas deveriam ser trabalhados de forma transversal com aprofundamento necessário, considerando as necessidades e interesses dos estudantes.

Assim, a sexualidade incluída no currículo escolar como um tema transversal, deve ser entendida como uma área do conhecimento que deve ser discutida além de receber contribuição das diversas áreas do saber, como: Biologia, Medicina, Matemática, Educação, Psicologia, História, Português, entre outras possibilidades para não reduzi-la e fragmentá-la em apenas uma disciplina e muito menos instituir um tipo de profissional responsável por debatê-la (BARROS; RIBEIRO, 2012).

O tema Orientação Sexual não abrange apenas um caráter informativo segundo informam os PCN, mas exerce dentro do espaço escolar um efeito de intervenção. Sua função transversal atravessa fronteiras disciplinares e se dissemina

por todo o campo pedagógico e funciona expandindo seus resultados em domínios diversos. Assim, segundo Lira (2009), por meio de atividades pedagógicas diversas, os PCN incitam a escola a construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo que ele se veja como objeto de cuidados, alterando comportamentos.

Segundo Barros e Ribeiro (2012), os PCN incentivam o trabalho pedagógico envolvendo a sexualidade através de discussões realizadas no espaço escolar e que perpassem todas as áreas do saber, isto é, em todas as disciplinas escolares.

Neste sentido, as escolas ao se abrirem para as discussões relacionadas à sexualidade, conforme sugestão dos PCN, muitas vezes estas ocorrem a partir do viés biológico e de forma esporádica e, assim, segundo Jane Felipe (2009, *apud* BARROS; RIBEIRO, 2009, p. 169), a educação para a sexualidade é realizada “de forma assistemática e descontínua, com uma abordagem estritamente biológica, ignorando assim os aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos nesse processo em torno da construção de significados”, ou então a discussão acontece por meio de ameaça (o não uso da camisinha pode resultar em gravidez na adolescência ou adquirir Aids).

Importante enfatizar o que Rufino *et al* (2012) refletem sobre a abordagem da sexualidade em sala de aula, os quais consideram este tema delicado e repleto de preconceitos e tabus, por sofrer influências externas de aspectos históricos, sociais e até religiosos. Além disso, o professor também tem suas concepções formalizadas e experiências pessoais positivas ou não, em relação à sexualidade.

2.1 A abordagem da Educação Sexual no 5º ano do Ensino Fundamental

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) teve alteração em seus artigos 29, 30, 32 e 87, através da Lei Ordinária nº 11.274/2006, ampliando a duração do Ensino Fundamental (que era de 8 anos) para 9 anos, estabelecendo como prazo para implementação da Lei pelos sistemas de ensino, o ano de 2010.

O Ensino Fundamental passou então a ser dividido da seguinte forma:

- Anos Iniciais - compreende do 1º ao 5º ano, sendo que a criança ingressa no 1º ano aos 6 anos de idade;
- Anos Finais - compreende do 6º ao 9º ano.

Os alunos de quinto ano do Ensino Fundamental são alunos na faixa etária de 9 a 11 anos. É o período que compreende o início da adolescência, segundo informam Pereira e Silveira (2017) e que marca a transição de saída da infância, apresenta mudanças no desenvolvimento não só em aspectos físicos, mas também cognitivos, psicológicos e sociais.

Nessa fase do desenvolvimento humano está instituído o 5º ano do ensino fundamental, que se refere à “antiga” quarta série. As características dos alunos, nessa etapa escolar, é a demonstração de um comportamento mais agitado, se dispersam com mais facilidade e têm mais interesse nas mudanças físicas dos colegas do sexo oposto.

Lira (2009) cita a diferenciação entre orientação e educação sexual, segundo o Guia de Orientação Sexual (1994):

A orientação sexual, quando utilizada na área da educação, deriva do conceito pedagógico de orientação educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas. Por todas essas condições, diferencia-se da educação sexual, que inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia (GTPOS, ABIA, ECOS, 1994, *apud* LIRA, 2009, p. 38).

Neste sentido, é muito importante os estudos acerca da sexualidade na vida dos seres humanos, em especial na infância, por ser um momento do desenvolvimento humano onde as questões relacionadas ao tema ainda estão sendo construídas. Assim, do ponto de vista educacional, tais estudos são primordiais para a obtenção de informações que possam auxiliar no planejamento de ações educativas eficientes que favoreçam o desenvolvimento das crianças (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015).

O tema Orientação Sexual, ao ser proposto para o Ensino Fundamental, tendo em vista as curiosidades, interesses e necessidades dos estudantes das séries desse nível de ensino, requer que os educadores estejam preparados para tal. A esses professores das diferentes séries e disciplinas fica o desafio de encontrar a melhor maneira de abordar o tema de forma segura e saudável, sem imposições ou omissões de informações atualizadas e de interesse dos estudantes, incluindo crenças, mitos, tabus, preconceitos (OLIVEIRA, 2009).

Neste sentido, quando se propõe educar sexualmente os alunos, Figueiró (2009) aponta a necessidade de se pensar, de uma forma concomitante, em oportunizar aos professores o reeducar-se sexualmente, através da participação de estudos que possibilitem a eles o preparo para atuar como educadores sexuais, tanto de crianças do ensino regular, quanto de crianças e adolescentes considerados pessoas com necessidades educacionais especiais.

Santos (2009) reflete que o tratamento pedagógico dos temas relacionados à sexualidade precisa considerar também as reproduções de padrões sociais feitas na escola, muitas vezes baseadas apenas no senso comum, influenciadas por fatores culturais relacionados a crenças e valores pessoais, tais como a superioridade do homem sobre a mulher limitando-a à condição de subjugação, perpetuando relações de poder. Além disso, os heterossexuais são vistos como “normais” e os homossexuais ou bissexuais (ou outra forma de orientação) como “desviantes” ou “anormais”. Esses padrões são frequentemente reproduzidos nas escolas como um reflexo da sociedade.

Neste sentido,

Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa (BRASIL, 1997, p. 299).

O PCN também propõe que a escola aborde com as crianças, adolescentes e jovens as repercussões de mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade com a finalidade de verificar o conhecimento que eles já possuem e também oportunizar a formação de opinião sobre o que foi apresentado (BRASIL, 1997).

Vale enfatizar que:

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1997, p. 300).

Sobre a forma como a sexualidade deve ser abordada nos anos iniciais do ensino Fundamental, Barros e Ribeiro (2012) afirmam que as discussões

relacionadas ao tema realizadas nas escolas não devem ser realizadas unicamente sob a perspectiva biológica, mas discutida de uma forma mais ampla, levando em consideração os diversos tipos de prazeres e desejos dos alunos. Assim, para Louro (1998, *apud* BARROS; RIBEIRO, 2012, p. 169), “na preocupação com a manutenção da saúde, não pode ser escondida a ideia de que a sexualidade é fonte de vida, que pode e deve estar ligada com satisfação e felicidade.”

3 Gravidez na adolescência e evasão escolar

A Organização Mundial de Saúde (OMS) inclui aspectos biológicos, sociais e psicológicos na definição de adolescente, além de delimitar a faixa etária com uma definição cronológica, propõe a extensão desse período dos 10 aos 19 anos de idade, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) propor um período compreendido entre 12 e 18 anos de idade da pessoa (PARIZ; MENGARDA; FRIZZO, 2012).

Conforme Berlofi e cols. (2006, *apud* PARIZ; MENGARDA; FRIZZO, 2012) afirmam que esse período se caracteriza por mudanças físicas e hormonais que exigem do ser humano em transformação, um trabalho psíquico que possa lidar com o luto do seu corpo e seus hábitos da infância para assumir um novo corpo, que se impõe com novas exigências de cuidado e comportamento indicando ao adolescente o lugar que ocupará na sociedade.

A sexualidade faz parte da vida das pessoas através dos aspectos individuais, sociais e culturais, estes, originados de histórias, mitos, símbolos e experiências provenientes da própria infância e que se intensifica principalmente, na adolescência no convívio com amigos, família, mídia e escola (SILVA; MEGID NETO, 2006, *apud* RUFINO *et al*, 2013).

Neste sentido, importante abordar a gravidez na adolescência, uma questão preocupante para a saúde pública, por possibilitar a interrupção de importantes estágios de maturação psicosssexual e provocar desorganização familiar, abandono escolar, afastamento social e do mercado de trabalho, aumento dos índices de pobreza, gerando vários desafios para a equipe de saúde, educadores, governos e sociedade em geral (OLIVEIRA-MONTEIRO *et al*, 2011; SANTOS *et al*, 2009, *apud* SOUSA *et al*, 2018).

De todos os problemas sociais decorrentes da gravidez na adolescência, a escolarização tem sido alvo de vários debates, como informam Sousa *et al* (2018):

Das consequências sociais da gravidez na adolescência que mais têm sido debatidas na literatura estão aquelas relacionadas à escolarização. O ambiente no qual esses jovens estão inseridos é responsável pela formação e pelo controle de suas vidas, e a educação constitui fator importante para o sucesso desse processo (SOUSA *et al*, 2018, p.161).

Martinez *et al* (2011) afirmam que muitos estudos são feitos por diversos autores sobre as repercussões da gravidez na adolescência na escolaridade, tais como: (MOLINA *et al*, 2004; BARNET *et al*, 2004; GRANT; HALLMAN, 2008; ALMEIDA; AQUINO, 2009). No trabalho de Almeida; Aquino e Barros (2006), que aborda as características da trajetória escolar de jovens em três capitais brasileiras mostra que a metade das jovens que interromperam os estudos, pelo menos uma vez relatou uma gravidez na adolescência. Verificou-se também neste estudo, que o abandono escolar na ocasião da gravidez na adolescência foi referido por 40,1% das moças cuja gravidez terminou em nascimento de um filho.

Diante da abordagem no referido estudo, constata-se que, se por um lado a gravidez na adolescência pode ocasionar a evasão escolar, muitas adolescentes podem ter abandonado a escola antes de engravidar, sendo que esta evasão seja um possível fator de risco para a gravidez precoce (YAZLLE *et al*, 2002, *apud* MARTINEZ *et al*, 2011).

Evidencia-se que a evasão de jovens da escola possibilita maiores chances de se tornarem gestantes adolescentes, conforme apontam Sabroza, Leal, Souza Jr e Gama (2004, *apud* DIAS; TEIXEIRA, 2010), sugerindo que a evasão precede a gestação. Em contrapartida, outras pesquisas também sugerem que a gestação na adolescência seria uma das causas da evasão escolar (ESTELA e COLS., 2003; OLIVEIRA, 1998; LIMA e COLS., 2004; LOSS & SAPIRO, 2005, *apud* DIAS; TEIXEIRA, 2010). No entanto, Almeida, Aquino e Barros (2006) também citados por Dias e Teixeira (2010), afirmam que ambos os fatores - a evasão anterior à gestação (20,5%) e a evasão posterior (40%) - estão associadas ao fenômeno de gestação na adolescência.

Alguns autores citados por Dias e Teixeira (2010) apontam algumas considerações sobre a gravidez na adolescência e a associação à evasão escolar:

Oliveira (2005) afirma que o constrangimento originado da pressão de professores, de diretores e da própria família, que consideram essa situação como vexatória, pode ser a causa principal do abandono da escola. No entanto, Castro e cols. (2004) consideram que as jovens abandonam os estudos pela dificuldade em prosseguir nos mesmos, pois, além de cuidarem dos bebês, muitas vezes ingressam no mercado de trabalho.

Assim, os autores citados (OLIVEIRA, 2005; CASTRO e Cols., 2004) afirmam que professores, pais e jovens consideraram que a gravidez, neste período da vida, diminui as oportunidades da adolescente, além de dificultar ou mesmo impossibilitar desfrutar as experiências que a juventude poderia lhe proporcionar (DIAS; TEIXEIRA, 2010).

4 A vantagem de trabalhar a Educação Sexual no 5º ano do Ensino Fundamental

A escola é uma instituição responsável pela formação de cidadãos e cidadãs críticos e reflexivos, capazes de transformar valores e normas relacionados à sexualidade e assegurar igualdade e respeito. A escola se constitui assim, um meio de emancipação dos indivíduos (FIGUEIRÓ, 2014, *apud* BROL; MARTELLI, 2018).

A educação sexual, integrante da educação formal deve permear discussões sobre a sexualidade no contexto escolar, buscando ir além da visão tecnicista e biologicista ainda bastante presente na vida das pessoas e nos currículos escolares (BUENO, 2010, *apud* RUFINO *et al*, 2013).

Segundo Furlani (2007) e Oliveira *et al* (2009) ambos citados por Rufino *et al* (2013), as discussões sobre a sexualidade no contexto escolar devem ser interessantes e claras porque o conhecimento dos adolescentes sobre o assunto é limitado, e muitas vezes incompleto, apreendido, em sua maior parte, na socialização com os amigos, em família, na comunidade, com profissionais de saúde e na escola. No entanto, nem sempre estas informações são verdadeiras, eficazes e impactantes.

Por isso, o trabalho de Orientação Sexual contribui para informar de uma maneira correta aos alunos do Ensino Fundamental, principalmente os alunos de quinto ano, sobre os problemas que podem ocorrer, originados de informações

falsas. Dentre estes, a gravidez indesejada, pois segundo os PCN “o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la” (BRASIL, 1997, p. 293).

Flores (2004, *apud* BROL; MARTELLI, 2018) apontam a sala de aula como um espaço comum onde crianças e adolescentes esclarecem suas dúvidas, medos e inquietações sobre sexualidade e é nesse ambiente que eles encontram maior facilidade em se expor e questionar os mais diversos assuntos. Na escola também acontecem manifestações da sexualidade, como curiosidades, vontades e sensações em relação ao corpo e aos colegas e essas manifestações não deveriam ser ignoradas ou reprimidas, mas sim trabalhadas e vividas com naturalidade.

“A negação da sexualidade na infância constitui um problema para a ampliação de espaços de diálogo entre pais, filhos e professores, perpetuando dúvidas e questões a serem elucidadas, reduzindo a compreensão do tema” (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015, p. 70).

Em relação à citação, as dificuldades para o trabalho de orientação sexual apontam para os seguintes aspectos:

[...] conservadorismo das famílias, falta de apoio dos gestores, preconceito dos colegas, falta de conhecimento, pressão social, falta de conhecimento por parte da família e dos gestores, falta de formações continuadas, etc. Todos esses fatores geram insegurança, incertezas e desconforto aos professores e professoras para trabalharem com a temática, que na visão deles, é polêmica e conflituosa (BROL; MARTELLI, 2018, p. 281).

Vale enfatizar que, apesar de terem uma visão muito limitada da sexualidade, as crianças necessitam ser instruídas sobre o assunto para que o seu desenvolvimento seja o mais natural e saudável. Ao oportunizar desde cedo, orientações seguras e livres de preconceito acerca da sexualidade, isso é fundamental para que as crianças, na adolescência e na vida adulta, possam tomar atitudes e decisões responsáveis em relação à sua própria conduta sexual, podendo se prevenir de sérias consequências de atos relacionados à sexualidade (CRIVELARI, 2007, *apud* PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015, p.70).

Sousa *et al* (2018, p. 161) afirmam que “é o ensino que dá ao indivíduo a capacidade de atuar na sua realidade e exercer sua cidadania, de ter um futuro promissor”. Neste sentido, somente a educação é a responsável pela promoção de

transformações sociais, como a negação à violência física e psicológica, ao preconceito, a propagação do respeito e aceitação das diversidades presentes na nossa sociedade.

Considerações Finais

O tema deste trabalho é muito complexo porque está cercado por muitas polêmicas em torno do mesmo. O trabalho pedagógico que envolve a sexualidade na escola é um tema muito delicado porque envolve o conservadorismo das famílias, a timidez e desconhecimento das crianças e adolescentes e a resistência dos professores na abordagem do assunto de uma forma adequada em sala de aula.

Sendo a escola uma instituição responsável pela formação de cidadãos críticos e reflexivos, através do envolvimento de professores, gestores e todo profissional da educação, há toda a possibilidade de abordar a educação sexual neste ambiente pois, é nele que as crianças e adolescentes possuem a liberdade de fazer questionamentos e tirar suas dúvidas sobre o tema, pela falta de diálogo com os pais que nem sempre falam com os filhos sobre a sexualidade e a timidez dos alunos é reflexo de uma concepção errada que os pais têm sobre o assunto.

A sexualidade é considerada como algo inerente à vida e à saúde e que se expressa desde cedo no ser humano. Deve ser abordada na escola como tema transversal, incluída no currículo escolar e entendida como uma área do conhecimento que recebe a contribuição de diversas áreas do saber.

O motivo da escolha do quinto ano do ensino Fundamental como foco deste trabalho, é porque os alunos que estudam este período, se encontram na faixa etária de 10 a 11 anos se caracterizando um período de maior agitação, se dispersam com maior facilidade e também demonstram maior interesse pelas mudanças físicas dos colegas do sexo oposto. E foi observando estas características que houve a escolha para o tema desta pesquisa.

A importância do trabalho sobre a educação sexual desenvolvido na escola através de discussões e outras estratégias pedagógicas, oferecem aos alunos a oportunidade de reconhecer que a sexualidade é inerente ao ser humano e, no entanto, há muitos tabus, crenças e preconceitos acerca da mesma. Assim, as orientações seguras necessárias são fundamentais para a promoção da saúde

sexual, além de praticar a reflexão para a prevenção de situações indesejadas tais como a gravidez na adolescência.

A gravidez na adolescência gera vários desafios para a saúde pública, educadores e sociedade em geral, por interromper importantes fases da vida da adolescente, desorganização escolar e, segundo a pesquisa realizada, o problema mais significativo é o abandono escolar, pois a adolescente não tem como conciliar a sua vida estudantil com a gravidez e o futuro nascimento de uma criança.

A orientação sexual tratada na escola é deveras importante por proporcionar a reflexão sobre a própria sexualidade, ampliando a percepção e os cuidados necessários para viver a sexualidade com responsabilidade.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição A; AQUINO, Estela M. L.; BARROS, Antoniel Pinheiro de. **Trajetória escolar e gravidez na adolescência entre jovens de três capitais brasileiras**. Cadernos de Saúde Pública, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700005>
- BARROS, Suzana da Conceição de; RIBEIRO, Paula Regina. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? Universidade Federal do Rio Grande. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. Vol. 11, nº 1, 164-187, 2012. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC_11_1_9_ex570.pdf> Acesso em: 02 de mar. 2019.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispendo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm> Acesso em: 02 de mar. 2019.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – PCN. Orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BROL, Izana S.; MARTELLI, Andréa C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, vol. XXV nº 1; jan-jun, 2018. pp. 274-291. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/36304/20609>> Acesso em: 02 de mar. 2019.
- DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paideia**. Jan.-abr. 2010, Vol. 20, nº. 45, 123-131. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a15v20n45>> Acesso em: 01 de mar. 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum/** Mary Neide Damico Figueiró (org.) Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <<http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/educacaosexual-multiplostemas.pdf>>

Acesso em: 02 de mar. 2019.

LIRA, Andreia Maria Silva. O tema transversal Orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **Dissertação** [Mestrado em Ensino das Ciências] – Universidade Federal Rural de Pernambuco. 131 fls. 2009. Disponível em:

<http://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente_backup/article/view/14600> Acesso em: 02 de mar. 2019.

MARTINEZ, Edson Zangiacomi *et al.* Gravidez na adolescência e características socioeconômicas dos municípios do Estado de São Paulo, Brasil: análise espacial.

Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 27(5):855-867, mai, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2011.v27n5/855-867/pt>> Acesso em: 28 de fev. 2019.

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl de. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum/** Mary Neide Damico Figueiró (org.) Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <<http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/educacaosexual-multiplostemas.pdf>>

Acesso em: 02 de mar. 2019.

PAES, Daniela Cristina; FAVORITO, Ana Paula; GONÇALVES, Randys Caldeira. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal** 2015; 1(3):69-78. Disponível em:

<<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/122/88>>

Acesso em: 22 de fev. 2019.

PARIZ, Juliane; MENGARDA, Celito Francisco; FRIZZO, Giana Bitencourt. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. **Saúde Soc.** São Paulo, v.21, n.3, p.623-636, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902012000300009&script=sci_arttext> Acesso em: 27 de fev. 2019.

PEREIRA, Larissa O'nill de Avila; SILVEIRA, Luiza Maria de Oliveira Braga. Percepção das professoras sobre seus alunos do 5º ano. **Psicol. Educ.** nº 45, São Paulo dez. 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752017000200008> Acesso em: 22 de fev. 2019.

RUFINO, Camila Borges et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2013 out/dez;15(4):983-91. Disponível em:

<<https://www.fen.ufg.br/revista/v15/n4/pdf/v15n4a16.pdf>> Acesso em: 27 de fev. 2019.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A educação sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED - PR., 2009. 216 p. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf> Acesso em: 02 de mar. 2019.

SILVA, Ricardo Desiderio. **Se você não fala, eu falo!**: Sexualidade em artigos, 2007.

SOUSA, Carolina Rodrigues de Oliveira et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cad. Saúde Colet.**, 2018, Rio de Janeiro, 26 (2): 160-169. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n2/1414-462X-cadsc-26-2-160.pdf>> Acesso em: 21 de fev. 2019.